

O documento de Francesco Tonucci foi elaborado para constituir o ponto de partida de um seminário organizado pelo Instituto de Psicologia do CNR (Centro Nazionale di Ricerche, de Roma) a respeito da pesquisa na escola básica. Este debate, realizado em junho de 1980, girou em torno de quatro questões: objetivos e características da pesquisa na escola; quem faz pesquisa; instrumentos de pesquisa; e publicação dos resultados. No seminário, participaram pessoas de várias regiões da Itália e de outros países, que relataram e discutiram suas experiências de pesquisa e ação na escola.

Francesco Tonucci é psicólogo, pesquisador do CNR, e trabalha principalmente no nível da escola maternal. É autor de vários livros, entre os quais uma coletânea de "cartoons" sobre a criança e a escola, publicados com a assinatura de "FRATO", em alguns órgãos da imprensa italiana.

Tradução de Lúcia Mathias Simão.

A PESQUISA NA ESCOLA: NOTAS PARA DEBATE

Francesco Tonucci

Este artigo não é uma proposta metodológica, nem pretende dar a última palavra sobre o assunto, uma vez que a bibliografia existente é ampla. Pretende ser um verdadeiro convite ao debate que emerge da experiência de pesquisa na escola, passada e atual, e também das dificuldades encontradas. O autor destas notas convida a todos que trabalham neste setor a contribuir de modo a permitir, através de intercâmbio, confrontos e seminários, chegar a um verdadeiro documento metodológico.

O método experimental

É opinião de muitos que o uso indiscriminado do método experimental é pouco útil ou mesmo prejudicial em psicologia, apesar de ser uma das grandes conquistas das ciências exatas. Se isto é verdade em geral, para o estudo das características psíquicas humanas, parece-nos tanto mais válido quanto o método experimental é usado para estudo no campo de processos complexos como os educativos.

O que nos parece negativo neste modo de proceder é a exagerada simplificação do fenômeno a fim de se garantir uma dimensão objetiva e, portanto, indiscutível.

No fenômeno escola, em cada aspecto, confluem muitas variáveis com peso diversificado, mas nenhuma delas pode ser esquecida, o que levaria à incompreensão do próprio fenômeno:

- capacidades cognitivas potenciais do aluno, individualmente considerado;
- experiência sócio-cultural ambiental fora da escola;
- características da classe como grupo;
- características pessoais e profissionais do professor;
- escolhas didáticas e metodológicas;
- relação escola-família.

O método experimental não pode examinar uma realidade assim tão complexa e transitória. É necessário transformá-la em algo mais simples e observável, semelhante ao que faz o biólogo quando isola uma seção de tecido e a observa ao microscópio:

- através de critérios amplamente verificados, escolhe-se uma amostra representativa;
- isola-se uma variável na qual se baseia a pesquisa, hipotetizando que dela dependem os comportamentos estudados;
- estudam-se os comportamentos, utilizando-se instrumentos objetivos que revelam seguramente a variável isolada; instrumentos de fácil aplicação onde as variáveis pessoais do experimentador são consideradas quase nulas;
- graças às características técnicas dos instrumentos (validade e precisão), as intervenções na situação a ser estudada podem ser poucas, esporádicas e precisas;
- os instrumentos dão uma descrição quantitativa do fenômeno, sobre a qual se faz sofisticada elaboração estatística que compensa a pobreza dos dados, enriquecendo-os com significados;
- a correção da amostra, a validade do instrumento e a significância dos resultados autoriza a generalização dos dados para o todo, do qual o grupo examinado é uma amostra representativa, e para o comportamento real do qual o rendimento do teste é hipotetizado como sintoma correto.

Um estudo simples, um processo linear, resultados seguros. Grande parte dos estudos psicopedagógicos feitos neste século, desde os docimológicos do início do século, até os mais recentes sobre dinâmicas sociais da sala de aula, apresentam estas características e o fascínio das respostas certas.

Efeitos da pesquisa experimental na prática educativa

1. A pesquisa psicopedagógica já denunciou todos os erros da escola. A clareza das tabelas, a força comprobatória dos índices de significância, a lógica esquemática e segura das conclusões não levaram a nenhuma modificação significativa na estrutura e na práxis escolares. Ao contrário, aumentou a distância entre reflexão psicopedagógica, de um lado, e a escola "assim como ela é" de

outro. Julgamos que também isto seja um efeito derivado das características deste modo de pesquisa.

2. Às pesquisas assim construídas falta sempre globalidade. Aprofundam-se num único setor, não como parte integrante de um todo complexo, mas exatamente como um setor independente, e estendem suas conclusões para a escola enquanto tal. Quase nunca o estudioso de lingüística saberia indicar as correlações entre uma correta metodologia de desenvolvimento da linguagem escrita e da atividade expressiva, plástica ou matemática, ou vice-versa, mas qualquer um deles termina seus relatos com indicações operativas.

3. Indicações tão setoriais estimulam no professor comportamentos também setoriais: nestes últimos anos vimos, mesmo na escola primária, o desenvolvimento de experiências de experimentação da matemática moderna, lingüística, atividades expressivas ou, ainda, de novas avaliações, cada uma das quais carentes nos outros aspectos. Essa tendência, na escola média, acentua a setorização da formação em serviço e da organização escolar.

4. O agente escolar, o professor, excluído da fase de pesquisa totalmente dirigida pelo pesquisador, na correta observância do método experimental, fica reduzido a um executor passivo de fórmulas e, de fato, sempre mais, o responsável pelos erros que outros pesquisadores irão estudar. O agente, neste jogo, é a figura sempre mais em crise e sempre a menos capaz de lidar com suas próprias contradições.

5. Esta pesquisa fundamenta seu poder na incontestabilidade de seus resultados. O resultado com significância igual ou maior a 0,01 não pode ser discutido. A segurança das conclusões deixa ainda mais inseguro o agente, que pede ao técnico segurança através de receitas, testes e currículos que se assemelhem o mais possível aos experimentais.

Esses efeitos reforçam, de fato, uma práxis conservadora e tradicional na escola: confirmando nela os pressupostos fundamentais — ali, na relação pesquisador-professor, aqui, na relação professor-aluno:

- exclusão do aluno do processo de conhecimento e aumento de suas inseguranças através da contínua verificação do seu "não saber";
- proposta do conhecimento como verdade diante da qual é preciso crer, sem poder intervir criticamente;
- hipótese de igualdade entre as pessoas, legitimada pela aplicação de critérios "iguais" de avaliação e de interpretação;
- recurso a instrumentos de garantia externa, tais como os programas, os livros de texto, as notas, esperando ter, rapidamente, testes verdadeiros e realmente objetivos.

Se isto fosse verdade, ter-se-ia o cerco fechado: a ciência que demonstra os erros da escola, de fato, os perpetua; a escola, com seus erros, dá vida a uma pesquisa sobre seus erros — e assim por diante.

Por outro lado, este modo de se fazer pesquisa é extremamente produtivo do ponto de vista acadêmico: se bem programado, com limitado empenho de tempo e pessoal, em prazo breve e facilmente previsível, há condições de produzir publicações carregadas da simplicidade e do vestuário científico de que falamos acima. Hoje em dia, estas são as publicações mais facilmente aceitas pelas

revistas científicas e estes os programas de pesquisa menos contestados.

As publicações pedagógico-acadêmicas

A alternativa mais freqüente para a pesquisa experimental é o artigo ou o livro pedagógico-acadêmico. Isto é, o debate, a pesquisa que, partindo, não mais de dados pobres, mas de longínquos fundamentos filosóficos, segundo uma tradição idealista, trazem consequências para dentro da escola. As publicações acadêmicas são muito numerosas e divulgadas em revistas pedagógicas "de receitas" que constituem hoje, na Itália, infelizmente, o único meio de atualização dos professores.

Também estas publicações nascem para modificar a escola, mas muito dificilmente se podem examinar seus efeitos positivos. É, por outro lado, fácil atribuir uma grande responsabilidade, relativamente ao retardo da prática educativa, àqueles "receituários" que, como se dizia, nascem como divulgação dessa produção.

As relações de trabalho dos agentes escolares

Entre esses dois modos de estudar a escola — aqui, evidentemente descritos de modo paradoxalmente extremado — nos quais não faltam importantes, corretas e construtivas contribuições, tem encontrado lugar, recentemente, uma nova corrente de publicações quase ignorada tanto por parte da psicologia como por parte da pedagogia acadêmica. Trata-se de experiências educativas refletidas e relatadas pelos autores, educadores e alunos que as viveram. A título de ilustração, temos uma série de publicações que vão desde a "Carta a uma professora" da Escola de Barbiana (1967) até os cinco volumes de "O mundo" de Mário Lodi. Estas obras não nasceram com fins científicos e não tiveram por objetivo explicitar exaustivamente todas as variáveis que intervêm no processo educativo (amostras, modelos, resultados, etc...). Procuram, em vez disso, dar uma descrição global, articulada e compreensível de uma real experiência de renovação. Nasceram, assim, como intervenções políticas de um lado, e como contribuições técnicas de outro. Talvez não expliquem tudo mas, de certa forma, permitem aos leitores forte identificação, fácil compreensão e os impulsiona a uma possível transformação.

São essas obras que, certamente, tiveram mais penetração naquele setor sempre mais amplo dos agentes que estão realizando, de baixo para cima, a reforma da escola.

Características que se sobressaem dessas obras e que devem ser consideradas:

- serem escritas por aqueles que viveram diretamente a experiência e, portanto, capazes de contá-la de dentro, comunicando, além das características técnicas, também a ansiedade, as esperanças e as frustrações que uma proposta de renovação necessariamente contém;
- serem sensíveis à globalidade da experiência em si, mais que a aspectos técnicos singulares. Quando tratam desses aspectos, procuram man-

tê-los dentro de um discurso educativo mais amplo;

- comunicam soluções didáticas e práticas; e dão, em resumo, um modelo geral de atuação quotidiana;
- promovem em quem as lê um processo semelhante ao de quem as escreveu: de análise crítica do próprio trabalho e, portanto, uma tendência à autoformação entendida como crescimento específico do próprio profissional.

Hipóteses para uma pesquisa na escola¹

Levando em conta o que foi acima descrito, pensamos que o pesquisador, que atua no âmbito social, deve encontrar outro modo de atuação. Sua contribuição deve ser suficientemente técnica para que ele possa fazer afirmações documentadas e comprobatórias, as quais devem ser controladas internamente e referidas à pesquisa internacional; mas deve também ser adequada internamente à experiência real, apreendida globalmente, de modo a não se perder as características complexas do todo, mesmo quando a atenção está voltada para um aspecto singular.

É necessário, assim — recolhendo as indicações positivas emergentes de todas as experiências de pesquisa e de documentação acima citadas, evitando os erros indicados, inventando eventualmente novas metodologias — passar de uma pesquisa SOBRE a escola a uma pesquisa NA escola.

Esta deverá procurar compreender, com relação aos conhecimentos elaborados na pesquisa básica, as características do processo de aprendizagem escolar e a possibilidade de sua otimização em função da máxima realização das potencialidades de qualquer aluno. Para isto deverá operar em dois níveis:

A — Aprofundar a descrição dos modelos alternativos ligados, obviamente, a uma hipótese político-social de renovação, da qual possa decorrer uma reforma coerente da escola. Trata-se, assim, de definir objetivos a médio e a longo prazo nos quais as reformas se inserem. Isto para evitar, por exemplo, a absurda situação das atuais reformas dos programas escolares iniciadas na escola média inferior, sem terem sido revistos aqueles da escola elementar e definidos os da média-superior e da universidade.*

¹ Se é muito fácil fazer uma análise crítica dos limites das experiências já realizadas utilizando somente o incontestável dado de incidir na experiência educativa real, muito mais difícil é se aventurar nas "propostas alternativas". Tais experiências vêm sendo construídas, verificadas e definidas, nestes últimos anos, por diversos grupos de pesquisa italianos e estrangeiros. As propostas que se seguem são, portanto, mais que as anteriores, notas pessoais que não pretendem definir uma postura, mas convidar à contribuição e ao debate.

* No sistema escolar italiano, a escola elementar corresponde ao antigo curso primário, apenas com uma série a mais, e pode ser comparado às 4 primeiras séries do 1º grau. A escola média divide-se em média-inferior e média-superior. A média-inferior equivale ao antigo curso ginasial, ou seja, às quatro últimas séries do atual 1º grau. A escola média-superior corresponde ao colegial, isto é, aos atuais cursos de 2º grau. (Nota da trad.)

B — Descrever o modo de se encontrar na especificidade do grupo escola:

- a relação entre a totalidade da criança (corporeidade, conhecimento, entusiasmo, expressividade, afetividade) e o desenvolvimento dos conhecimentos, de modo que a evolução destes até os níveis máximos de amplitude, profundidade e abstração não exija nunca a negação daquela totalidade e o desprezo das outras dimensões;
- as potencialidades cognitivas e expressivas do aluno, tendo em vista sua máxima realização;
- a relação entre as diversas potencialidades, na realidade do grupo, tendo em vista a definição de currículos provavelmente abertos e elásticos, mas que garantam uma função socialmente útil (diminuição dos desníveis de partida) e produtiva (dotação de instrumentos cognitivos) na escola. A presença de alunos portadores de deficiências enriquece este ponto de complexas considerações;
- o significado das experiências ambientais pré e extra escolares no rendimento escolar, tendo em vista um maior esclarecimento do conceito de "abertura" da escola, seja no sentido de saber utilizar os conceitos precedentes da criança, seja no de saber referir-se ao mundo que a circunda, pela elaboração cultural;
- a relação entre os diversos setores didáticos, a fim de que possam referir-se a núcleos conceituais comuns e possam ser aplicados evolutivamente pelos alunos na solução de seus problemas existenciais (teórico-práticos, individuais-sociais);
- a relação entre vivência e linguagem e de diversas linguagens entre si, em função do desenvolvimento da capacidade expressiva e de abstração, adequadas à idade e ao conhecimento, que permitem sempre uma útil representação, elaboração, abstração e manipulação da própria realidade;
- a relação entre características pessoais e profissionais do professor e propostas pedagógico-didáticas que ele formula tendo em vista uma definição clara da relação entre expectativas do adulto e rendimento do aluno;
- a relação entre família e escola, em função de uma definição mais clara dos objetivos educativos comuns que qualquer uma das duas instituições deverá poder realizar autonomamente, no próprio e específico setor e sobre as quais sejam possíveis sucessivas e construtivas verificações;
- a relação complexa, enfim, entre o método pedagógico e o desenvolvimento cognitivo, expressivo e social da criança.

A complexidade destas exigências de conhecimento por parte do pesquisador permanece invariada, seja variando a faixa de idade tomada para análise (da tenra infância à formação dos professores), seja variando a amplitude do setor examinado (um só aspecto disciplinar — a linguagem escrita — ou um comportamento mais amplo — o comportamento social no grupo-classe).

Essas exigências de pesquisa podem ser satisfeitas

somente trabalhando dentro da escola, entrando em contacto direto com seus diversos componentes e respeitando suas características e exigências.

Derivam delas algumas conseqüências que modificam substancialmente os prazos e os processos de trabalho do pesquisador:

- *prazos longos*. A experiência escolar não pode ser estudada de modo esporádico e preciso, mas exige continuidade;
- *os prazos e as dificuldades da escola*. Trabalhar na escola significa conhecê-la, respeitá-la e suportá-la e, se possível, utilizar seus prazos e suas dificuldades.

Se uma pesquisa na escola não pode prescindir da colaboração do professor, não pode deixar de levar em conta a escassa disponibilidade subjetiva e objetiva desta categoria.

Subjetiva, pela quase total falta, na categoria, de conhecimentos e, portanto, posturas científicas. A recuperação dessa dimensão só será possível com novos currículos de formação que superem a velha concepção idealista e com um longo trabalho de pesquisa na escola, adequadamente apoiado e garantido, ao menos no início, por técnicos pesquisadores.

Objetiva, porque o horário do professor não prevê tempo disponível fora dos encargos didáticos e colegiais (as 20 horas são quase totalmente absorvidas por reuniões e deveres ligados à programação e à avaliação). Atualmente, o professor que se dedica a um trabalho de pesquisa o faz de modo puramente voluntário.

Uma ulterior e grave dificuldade é a rotatividade de professores nas escolas de periferia que atinge percentuais muito altos (superiores a 30%).

A escola tem uma gestão social e uma programação didática colegial. Os programas de pesquisa devem ter o reconhecimento desses organismos (conselho de círculo ou instituto, e colégio dos docentes).^{*} Nem sempre o empenho para compreender mais e mudar tem fácil aprovação. O controle, o pedido de explicações e justificações absorvem tempo, e até mesmo criam dificuldades e incompreensões.

— *Relação pesquisador — agente*. A realidade escolar é delicada, tem suas dinâmicas internas difíceis de serem observadas de fora sem causar modificações e conturbações. É necessário encontrar um modo ótimo de colaboração entre pesquisador-técnico e agentes (professor, pais e também aluno).

O professor, em particular, deverá assumir deveres precisos de pesquisa, sejam considerados como novas atitudes de crescimento profissional (capacidade de examiná-las, verificar a própria atividade), sejam como contribuição ao trabalho do pesquisador.

Hoje, a escola está consciente de suas inadequações e procura ajuda; não aceita ser considerada como campo de observação e de estudos. É insustentável para o pesquisador uma postura completamente externa. O pesqui-

* Na estrutura escolar italiana estes órgãos são colegiados de docentes. Na nossa estrutura secundária tais órgãos não tem exata correspondência mas, para efeito de compreensão, podem ser comparados aos conselhos de professores. (Nota da trad.)

sador deverá encontrar um modo adequado para garantir sua necessidade de objetividade e também corresponder aos legítimos pedidos de contribuição por parte da escola.

— *As saídas.* Dificilmente, pode resultar deste tipo de trabalho, em tempo breve, dados e conclusões seguros e imediatamente utilizáveis em publicações. Pela experiência feita até agora, parece mais correto pensar em numerosas e progressivas verificações com debates e publicações de grande divulgação pedagógica que permitam o confronto e a definição de problemas.

Geralmente, é deste trabalho de decantação que podem nascer as contribuições mais significativas. Por outro lado, uma ampla comunicação durante e no final do processo de pesquisa corresponde a uma solicitação explícita da escola com a qual e para a qual se trabalha.

Os Instrumentos

Para alcançar os objetivos acima mencionados e também levando em conta as características e dificuldades já citadas, é necessária a utilização e elaboração de instrumentos de investigação adequados. Este ponto é, provavelmente, o mais delicado e aquele que requer o maior confronto de experiências. Longe de assumir posturas de recusa de experiências consolidadas nos decênios da pesquisa, deverão ser individualizados aqueles instrumentos que as várias ciências humanas desenvolveram, verificando as adaptações neles necessárias para este campo específico de pesquisa.

Um critério que deverá orientar esta análise será, novamente, a necessidade de levar em conta as numerosas variáveis e, portanto, a conseqüente necessidade de avaliação crítica daqueles instrumentos que limitam excessivamente o campo, sugerindo perigosas simplificações.

O perigo oposto a ser evitado será o de recusar uma instrumentação científica e acreditar com muita fé nas descrições e nas impressões, caindo totalmente no tratado pedagógico-acadêmico ou na simples crônica didática.

A característica pré-disciplinar, que o fenômeno escola tem (como toda vivência), requer, para seu estudo, a contribuição de várias ciências e, portanto, a utilização dos respectivos instrumentos, naturalmente adaptados ao setor específico. A título de exemplificação, citamos, aqui, em seqüência, alguns instrumentos que justamente derivam de várias disciplinas humanas e que são utilizados na nossa pesquisa:² instrumentos objetivos do método experimental, observações e monografias do método clínico e questionário e sociograma da sociologia.

Instrumentos objetivos

Já se expressaram muitas reservas quanto aos testes pedagógicos e seus derivados, que hoje, sempre mais numerosos, entram na escola inclusive como suporte para a avaliação. O perigo mais grave que representam é que podem solicitar uma delegação da parte do professor, o qual, ao confiar nestes instrumentos que garantem e são garantidos, acaba por renunciar a melhorar sua capacidade profissional.

Provas objetivas, estudadas adequadamente, podem ser instrumentos úteis para a pesquisa. Neste caso, devem nascer das características do trabalho escolar, da sua programação e apresentarem-se como parte destes, renunciando a suas tradicionais características de assepsia e abstração, mas mantendo as principais características técnicas.

Sua função não será, portanto, fornecer dados seguros e definitivos graças à rigorosa metodologia, ao teste e à avaliação da significância, mas sim dados intermediários que descrevam uma situação a ser compreendida e avaliada com a contribuição de outras informações e de outros dados.

Assim, como será dito para outros instrumentos, estes dados serão úteis para suscitar no grupo de professores análises mais aprofundadas, partindo de elementos menos subjetivos.

Provas escolares estruturadas

Um exemplo pode ser uma prova de "trabalho de grupo controlado", por nós utilizada nos anos passados para o estudo do comportamento do grupo na classe.

Era dada aos diversos grupos uma tarefa e cada fase desta tarefa era, primeiramente, elaborada por escrito individualmente por cada um dos elementos do grupo. Depois, a tarefa individual era confrontada e reelaborada em grupo.

Se a tarefa era "inventar uma estória" as fases eram: argumento, seqüência e narrativa por escrito.

Do texto final do grupo, através dos textos individuais, podia-se reconstituir o desenvolvimento do trabalho e a quantidade e qualidade das contribuições individuais. Neste caso, a prova não tem uma validação prévia e necessita de uma análise interna mais complexa.

Observações

Trata-se, com certeza, de um dos elementos indispensáveis e não pode deixar de constituir o conectivo que liga e dá significado aos outros dados.

Grande parte da experiência escolar é difícil de ser documentada a não ser através da observação.

Grande parte da experiência escolar só pode ser observada pelo agente escolar.

Estas considerações abrem uma série de problemas:

- A) Quem observa?
- B) Com que instrumentos observa?
- C) Como é utilizado o produto da observação?

A) A observação é um instrumento dado aos observadores escolares.

O professor que deseja compreender o próprio trabalho deve aprender a observar. A fase complexa e deci-

2 Parece-nos importante considerar cada um dos instrumentos escolhidos para exame como uma parte nunca autônoma e auto-suficiente da pesquisa. Não é, portanto, uma pesquisa de instrumentos que garantam saídas seguras o que preocupa o pesquisador, mas a pesquisa de um uso correto dos vários instrumentos relacionados entre si.

siva do processo, que os alunos completam a partir da proposta didática para chegar ao produto, ou que caracterizam a atividade na escola toda vez que não se elaboram produtos, podem ser conhecidas e descritas somente com a observação. A aquisição desta capacidade é difícil e longa; necessitaria de instrumentos fornecidos pela escola de formação profissional (até agora completamente inadequada em todos os níveis) e de notável empenho na qualificação, requalificação e atualização.

Se o professor se torna um bom observador pode dar uma contribuição fundamental à pesquisa.

Mas o professor, ele próprio, faz parte do processo a ser observado e, assim, há também necessidade de observação não controlada diretamente pelo professor da classe.

Quem é o observador externo? Como se insere?

Várias são as propostas e experiências. Em alguns casos, pensou-se até num segundo professor que não interagiria diretamente com os alunos e, em outros casos, no próprio pesquisador ou, ainda em instrumentos de registro (gravador, video-tape) eventualmente operados por um técnico.

B) Também a respeito dos instrumentos, muitas experiências estão sendo feitas. Por vezes, sem crítica, pensa-se que os instrumentos mais modernos são sempre e em todas as situações preferíveis aos tradicionais e simples. A este propósito, será útil um confronto e uma verificação na qual cada instrumento seja relacionado com as necessidades das várias situações e com suas efetivas possibilidades.

Pode-se ter observações:

- anotadas depois da experiência, de memória, com ou sem auxílio de fichas de registro;
- anotadas durante a experiência, com ou sem auxílio de fichas de registro;
- registradas em fita para serem ouvidas novamente;
- filmadas;
- gravadas em video-tape;
- com o uso de mais de um instrumento ao mesmo tempo.

C) O produto da observação é um material com o qual o pesquisador pode trabalhar para examinar situações escolares a que não pôde assistir, para reexaminar mais atentamente situações conhecidas ou para compreender o significado de outros dados obtidos com outras metodologias.

O produto da observação é também um material com o qual os agentes podem analisar o próprio trabalho a fim de melhorá-lo. Agentes e pesquisadores que trabalham juntos com estes materiais produzem experiências novas de formação, e metodologias de elaboração científica também novas.

A monografia

Recolher os trabalhos do aluno, datando-os, já é uma nova maneira de viver a escola pelo educador e pelo aluno. Reler, crítica e periodicamente, os produtos de uma disciplina ou atividade é para o professor uma das raras possibilidades de reconhecer, descrever e analisar as fases, o ritmo de desenvolvimento, as estratégias e as dificuldades do aluno. Somente trabalhando com este tipo de material é que se pode romper a práxis tradicional de avaliação "pela memória", permitindo ao professor uma útil verificação indireta do seu trabalho. O aprofundamento e a definição de metodologias de leitura poderá ser uma importante contribuição da pesquisa às necessidades da escola.

O questionário

Como já foi dito em relação aos outros instrumentos, o questionário não tem sido por nós utilizado para obter informações definitivas e, portanto, garantidas pela estrutura interna do instrumento (univocidade das respostas, controles internos) e pela sua experimentação e testagem precedentes, mas como dados intermediários a serem verificados e confrontados com outros elementos. Em particular, são usados para recolher a opinião dos pais sobre vários aspectos da experiência escolar, suas expectativas e reservas.

As respostas nunca são utilizadas como dados pessoais, mas elaboradas a fim de se obter indicações médias e percentuais.

As indicações emergentes são transformadas em material de debate em sucessivos encontros com os pais. Uso semelhante do questionário é feito para os professores servindo, fundamentalmente, para a obtenção de um ponto de partida, individual e refletido, para as verificações de grupo. Na falta deste recolhimento de pareceres, o debate corre o risco de ser monopolizado por poucos.

Sociograma

Vale aqui grande parte do que foi dito a respeito do questionário. Nas pesquisas, há alguns anos, o sociograma tem sido importante ocasião de análise e debate, seja com os professores ou com os alunos de uma quinta série elementar.

Dessa análise surgiram críticas corretas, até da parte dos alunos, com relação ao erro do instrumento e, portanto, indicações mais aprofundadas a respeito do efetivo comportamento individual nos confrontos de grupo.